Estudo de caso Nong Aye

O mini-estudo de caso que se segue foi originalmente publicado pela UNICEF-Connect em 2015

**Instruções: Imagine que é responsável pelo centro escolar para migrantes a seguir indicado – gerido por uma pequena ONG nacional. Leia o mini-estudo de caso e responda individualmente às perguntas apresentadas abaixo. Depois de escrever as suas respostas, vire a página para ler a resposta correta e compare as suas ideias com o que foi feito neste caso.**

Na província de Tak, Nong Aye\* foi alvo de repetidos abusos sexuais praticados pelo seu professor num centro de aprendizagem para migrantes durante dois anos, dos 12 aos 14 anos de idade. Ela era uma menina ativa e expressiva, que gostava das atividades escolares. Quando era criança, os seus pais divorciaram-se e a sua mãe mudou-se para Banguecoque. Aye e os seus irmãos viviam num dormitório no centro de aprendizagem, no campo. Isto fez com que ela fosse uma vítima fácil para o professor Zeya.

Outra professora da escola, Mia Khin, tomou conhecimento do abuso. “Ouvi falar disso pela primeira vez da parte dos vizinhos”, afirma. “Eles viram Aye entrar na casa de banho e Zeya seguiu-a. Depois, a irmã dela disse-me que o tinha visto entrar no dormitório da menina e dentro da rede mosquiteira, à procura dela. Eu vi pessoalmente Zeya a tocar na Aye enquanto ela estava a ver televisão”.

Mia Khin tentou fazer algo sobre o abuso. Falou com o diretor da escola, Hayma, que era um parente de Zeya. O diretor prometeu tomar medidas mas nada fez e o abuso continuou. Mia Khin era a professora mais nova na escola, e a única que não era parente de Zeya. Ela não sabia o que fazer.

Mia Khin sentiu-se como uma mãe para Aye e refere-se a ela como se fosse sua filha. “Tentei evitar que a minha filha ficasse sozinha com o Zeya, mas não sabia o que mais poderia fazer”, diz ela com lágrimas nos olhos. “Senti-me encurralada e incapaz de ajudar”.

**Perguntas**

1. Como é que poderia reforçar a segurança, dignidade e direitos de Nong Aye, e evitar expô-la a maiores danos?
2. Como é que poderia assegurar o acesso de Nong Aye a ajuda, de acordo com as suas necessidades e sem discriminação?
3. Como é que poderia ajudar Nong Aye a recuperar dos efeitos físicos e psicológicos do abuso a que foi submetida?
4. Como é que poderia ajudar Nong Aye a fazer valer os seus direitos?

**À procura de auxílio**

Finalmente, Mia Khin participou num workshop de proteção infantil organizado por uma ONG local, a *Help without Frontiers*. Aprendeu sobre os direitos da criança e sobre como identificar e denunciar o abuso de menores. Posteriormente, contactou a ONG para denunciar o caso de Aye.

A ONG retirou Aye da escola. Foi ao hospital para ser avaliada e passou a ser acompanhada por um psiquiatra. Aye e os seus irmãos foram transferidos para um novo centro escolar, para lhe tornar mais fácil deixar o passado para trás e iniciar uma nova vida.

“No início, Aye não conseguia comer nem dormir”, diz Sivaporn da ONG. “Ela isolava-se dos seus amigos. Achava-se inútil e tinha receio que outros descobrissem o que tinha acontecido. Sofrera de abusos durante muito tempo e não contara a ninguém, nem mesmo à sua família”.

Na sequência do testemunho de Aye, Zeya foi preso e acusado de violação de menor. Confessou as acusações e foi condenado a 25 anos de prisão.

“Estou aliviada pelo facto de Zeya estar na prisão e já não poder violar meninas”, diz Mia Khin. “Quando voltei a encontrar Nong Aye mais tarde, ela deu-me um enorme abraço. Parecia animada e com um novo alento, e fiquei feliz por ela. Nunca tínhamos falado sobre isso, mas ela sabia que tinha sido eu a denunciar o abuso”.

**O trabalho da UNICEF**

A violência contra crianças é um problema crítico na Tailândia. Em 2013, mais de 19.000 crianças foram tratadas em hospitais públicos devido a abusos. A maioria destas eram meninas dos 10 aos 15 anos e tinham sido alvo de abusos sexuais por parte de pessoas conhecidas. Abusos deste tipo prejudicam o desenvolvimento físico e mental das crianças e afetam a sociedade em geral.

A UNICEF e a Save the Children estão a apoiar as ONGs locais nas províncias de Tak e Chiang Mai na prestação de formação a professores e às comunidades locais, incluindo o workshop que permitiu a Mia Khin denunciar este caso. Na província de Tak, cerca de 50 professores receberam formação em 10 centros de aprendizagem sobre a forma de ajudar crianças que foram negligenciadas, abusadas ou exploradas.

“Se eu tivesse recebido esta formação mais cedo, poderia ter ajudado Nong Aye mais rapidamente”, diz Mia Khin.

A UNICEF está também a trabalhar com o Ministério da Educação no sentido de desenvolver políticas mais fortes de proteção de crianças nas escolas, para evitar logo de início a ocorrência deste tipo de abuso. Estas políticas definem a responsabilidade dos professores em proteger os estudantes de violência e de abusos, bem como as medidas a tomar quando um caso é denunciado. Todas as escolas públicas na Tailândia terão de as implementar. Lançámos também uma campanha para instruir o público sobre como reconhecer e denunciar o abuso de crianças.

“Imagine como a vida da Nong Aye seria muito melhor se ela nunca tivesse sido vítima de abuso sexual”, diz Sirirath, da UNICEF. “É isto o que queremos alcançar para todas as crianças na Tailândia”.

**Os autores**

Heamakarn Sricharatchanya, UNICEF Tailândia, e Andy Brown, UNICEF Ásia Oriental e Pacífico

\*Todos os nomes foram alterados para proteger a identidade da sobrevivente.

**Pergunta**

**Pensa que os quatro Princípios de Proteção foram respeitados nesta resposta? Como?**